

Colunas



Agora vocês conferem aqui na íntegra a entrevista Que realizei com o premiado Diretor Vagner de Almeida.

Conciliar minha agenda com a dele foi um desafio... Comecei a entrevista aqui no Brasil e terminei dia 4 de Setembro na residência do Diretor em Nova Iorque. Não abro mão do “Olho no olho” e adorei porque ele também não. Rssss :) Foi um dia extremamente agradável.. Deixei que o próprio Vagner fizesse nosso roteiro do dia, e ele elegantíssimo, arrasou!

Começamos o dia com uma visita na Mailman School, depois almoçamos no Henrys (Chiquêêêerrimooo) que fica na 103TH com Broadway (Perto da casa do Vagner de Almeida). Após o almoço, caminhamos no Riverside Hudson River para falarmos de todos os assuntos fora da entrevista... Rsss :) Retornamos à casa do Vagner para o Chá de jasmim às 5:00 PM e terminamos o dia num jantar luxo no Ruby Fu. Recomendo esse roteiro à Todos que estejam em NY.

Vagner sempre atencioso e com muito alto astral falou de assuntos importantes e polêmicos. Descobri uma pessoa com uma situação financeira muito estável, com amigos respeitados internacionalmente... Tem tudo para estar somente nos locais mais badalados e bem frequentados do mundo, mas escolheu filmar e divulgar o descalço nas periferias do Brasil e assim cobrar respeito e amplificar a voz de quem não tem vez na mídia e vive numa sociedade muita das vezes, ácida. Um verdadeiro missionário! Fênix!



Vagner de Almeida é Escritor, Diretor, Fotógrafo, Ativista, Ator, Crítico de Teatro, Pesquisador, Técnico em direção de documentários em Vídeos/Filmes, Coordenador de Oficinas de Prevenção de HIV/AIDS e DST, Assessor de Projetos da ABIA, Staff Associate Mailman School of Public Health Columbia University and Center for Gender, Sexuality & Health.

VW - Você é um grande conhecedor do “ser humano”... Assim que assumi publicamente minha homossexualidade para minha família, me senti “órfão”. Já vi várias frases de incentivo tipo: “Saia do armário”. Eu, particularmente diria: Saia do armário mas não dê satisfação à ninguém sobre o que você estava fazendo lá! O que você diria às pessoas que pensam em se assumirem perante à família?

VA - Conheço o ser humano até onde ele me permite conhecê-lo, depois dali é uma eterna interrogação... (risos)

Sou muito firme e cético com a idéia de família na comunidade LGBT. Muitas dessas famílias biológicas são verdadeiras alagozes com essa menina e até mesmo com os adultos que se revelam homossexuais mais tarde. Isto eu vejo todos os dias da minha vida.

Creio muito também na família pretendida, aquela que vamos formando com os nossos amigos, parceiros, pois são eles que nas horas mais difíceis nas vidas das pessoas são os que estarão com você.

Vi muitos amigos morrerem sozinhos, longe das famílias biológicas. Ninguém, ali para dizer meu filho, meu irmão, meu primo, meu neto... mas eu estava ali, nós, alguns amigos dessa chamada família pretendida estávamos ali, segurando a mão e esperando o momento exato para a transferência de ciclo de vida.

Vivenciando isto no meu trabalho de pesquisa por esses anos todos e nos filmes que dirijo e produzo, tenho visto histórias muito tristes sobre famílias. Algumas raramente surpreendentes, recheadas de afetos, livres de preconceitos e estigmas. O verdadeiro significado de família, amor, carinho e respeito. Mas isto é muito raro, raríssimo... Na maioria das vezes a família é um fardo muito pesado para essas pessoas.

Assumir-se, sair do armário, ser você perante a família, é muito difícil. Como super-homens e mulheres maravilhas só existem em folhetins, filmes e ficções, então a tarefa maior é negociar com a vida, a sorte e a coragem. São três ingredientes que fortalecem o ser íntimo de cada um.

Dizer em voz alta “gente eu sou gay” é mais do que um pulo de um trampolim dentro de uma piscina vazia. É ter muita coragem! É um salto no asfalto!



Sair do armário é desnudar-se de muitas coisas. Você de repente se vê nu/a, perante um espelho chamado sociedade. Não é fácil, é complicado, pois cadeias de poderes estão em jogo, nesta transição de vida. Não é deixar de ser criança, adolescente e se tornar alguma coisa adulta aos 15 anos. É sair para um campo de batalha, enfrentamentos, muitas decepções, até contornar todas essas situações. Muitas seqüelas são deixadas, muitas dores são sentidas, parece que o mundo inteiro está contra você. É um momento de uma grande decisão na sua vida.

Sair desses casulos e ser você é necessário muita força e coragem.

Mas como sair por aquela fresta mínima entre o armário e o mundo aqui de fora?

É muito difícil e foi pior em anos passados. Hoje as coisas aparentemente estão menos opressoras, mas mesmo assim há muita resistência e danos na vida de um/a homossexual jovem ou meia idade ao assumir-se neste núcleo chamada família.

Pior em famílias violentas, com pais violentos e mães submissas. Toda ira do algoz triplica para na criança, no/a adolescente homossexual. A vida dessas pessoas se torna um verdadeiro inferno. Muitos/as abandonam as casas e se jogam ao mundo e outros passam a vida inteira sendo humilhados/as, perseguidos/as e forçados/as a total submissão. Um horror! Um campo de concentração.

VW - Você trabalhou na criação e desenvolvimento da obra "Cabaret Prevenção" 1993 aonde fez uma trilogia interessantíssima com teatro, filme e livro no extinto teatro Alaska do Rio de Janeiro. Dez anos depois você fez "Ritos e Ditos de Jovens Gays" e os livros "Juventude e Homossexualidade: o que os pais precisam saber" e Ritos e Ditos de Jovens Gays. Você sentiu um avanço considerável nesses dez anos? Positivo ou negativo? O que mudou?

VA - As coisas mudam! Nem sempre como idealizamos, sonhamos ou queremos. Foi necessário mudar para que pudéssemos caminhar, seguir em frente. Mas vi nestes 10 anos muitas coisas andarem em círculos como barata tonta. Isto me assustou e me assusta até hoje.

Desde "Cabaret Prevenção" e até o mais recente filme "Sexualidade e Crimes de Ódio" muitas coisas estão nos mesmos lugares ou observando melhor estão estagnadas de uma forma que não deveria estar paradas ali, deteriorando-se de forma assustadora. Pessoas continuam se infectando pelo HIV, humanos continuam sendo barbaramente assassinados, jovens são expulsos de casa por serem homossexual, lésbicas continuam sendo espancadas, insultadas e mortas, religiosos estão cada dia mais extremistas e a própria comunidade fica rodando ao redor e pouco tem sido os avanços. A desigualdade social dentro até da própria comunidade LGBT é uma coisa muito grande e isto cria brechas enormes dentro do próprio movimento.

Apesar de caminharmos tropegamente, há muitas pessoas também no movimento empenhadas em mudar esse quadro e como exemplo foi a nossa primeira Conferência Nacional LGBT e tantas outras coisas que estão acontecendo.



Mas os setores públicos da impunidade, da discriminação, do estigma continuam muito fortes e tristemente tenho que confessar que nada mudou neste setor e os crimes contra a população LGBT aumentaram.

Às vezes me pergunto se os crimes aumentaram ou se eles agora têm mais visibilidade, aparecem mais, são defendidos por alguns setores de políticas públicas? Eu mesmo com os meus filmes abro debates públicos neste setor e ainda percebo muito omissão ou desconhecimento do assunto. Até mesmo dentro da comunidade homossexual.

As coisas mudam e nem sempre para melhor, mas houve grandes avanços. Criaram-se iniciativas para se pensar no coletivo sobre saúde, sexualidade e gêneros

VW - Vagner tem uma pergunta que sempre me fiz e nunca cheguei a uma conclusão... Porque os homossexuais são tão preconceituosos com outros homossexuais?

VA - Pergunta interessante... – Trabalhando com populações homossexuais que vivem em cinturões de pobreza, a maioria desempregados, afro descendentes, doentes, muitos convivendo com o HIV/AIDS, sem educação e com uma fragilidade imensa no setor de saúde, percebo que esse universo é muito grande.

Os homossexuais com mais sorte, bonitos/as, brancos/as, olhos azuis e cabelos bem cortados loiros/as não se misturam. Parece água com azeite. Não conseguem se misturar e as camadas mais privilegiadas discriminam sim os menos favorecidos. Basta observarmos o vasto vocabulário preconceituoso dessas pessoas de classes mais favorecidas contra os menos.



Somos uma sociedade classista, com uma democracia duvidosa, com olhares ou olheiros perigosos.

Basta observar a comunidade que frequenta Ipanema e a que frequenta o Baixo Nova Iguaçu ou botecos da periferia. Não há misturas, as faunas são diferentes. Nem a Lapa no Rio de Janeiro, lugar o qual parece ser democrático na diversidade consegue mesclar essas duas tribos. Lá se vê de tudo um pouco, mas a predominância é dos homossexuais mais bem sucedidos, o que mora na zona sul ou nas proximidades. Dificilmente você verá as pessoas homossexuais da BF na Lapa. É distante, é caro e o meio de transporte em determinado momento termina.

Vale parar para pensar o número de óbitos por crimes de ódio de homossexuais pobres e dos ricos. Um a morte é banalizada por todos os setores o outro vira capa de jornais e revistas famosas.

O mesmo crime que ocorre em Ipanema não é visto com o mesmo olhar que ocorre na Baixada Fluminense ou na periferia de outra cidade grande qualquer.

Essas comunidades estão longe de serem uma comunidade única. Lamentável!

VW - Como você analisa o investimento do governos em relação à AIDS e o respeito aos homossexuais em todos esses anos de trabalho?

VA - Na AIDS o avanço merece muita atenção e respeito, pois muitas coisas positivas têm sido feitas. Muito cidadão brasileiro deixou de morrer por termos tido uma iniciativa positiva no setor da saúde pública. Mas muito ainda temos que fazer para alcançarmos metas melhores.

Quanto aos homossexuais ainda teremos que marchar muito, pois é uma constante guerra de braços, um toma lá e tira de cá, uma ida e vinda à Brasília, muitos berros dos extremistas, muitas paradas que se tornam festas ao invés de protestos sérios. Com todos esses ingredientes ruins, está sendo muito difícil termos uma receita boa para podermos nos alimentar e fortalecer.

Mas o Brasil tem feito melhor do que muito outros países que conheço. Basta olharmos que políticas públicas estão sendo criadas, pessoas na comunidade LGBT estão sendo beneficiadas, pessoas importantes para o movimento em todos os setores não estão caladas ou paradas. Temos também tido um avanço significativo neste universo tão combatido pelos opressores, líderes religiosos e pessoas homofóbicas.

VW - O motivo da escolha do cenário do filme “Basta um Dia”, ter sido na Baixada Fluminense, tem haver com as pesquisas sobre regiões de maior risco e criminalidade contra os homossexuais? Hoje você poderia afirmar que é lá, na Baixada Fluminense, o maior índice de descaso público e violência?

VA - Certamente a Baixada Fluminense não é um lugar abençoado pelas políticas públicas. Local aonde a pobreza predomina, com certeza a violência será maior. Local aonde os governantes esqueceram e o diabo recusa-se a ir visitar, estaremos certo que ali vai se tornar um foco de tudo que não deveria ocorrer com os seres humanos.

Venho observando e trabalhando com a BF desde 1989 e até hoje em 2008 estou aprendendo muito com os meus colegas e amigos que compartilhamos a nossa luta. Há muitas pessoas bem intencionadas, lutando pela vida e a dignidade da população LGBT, mas ainda são pouquíssimos que se viram positivamente para essa população.

O cenário social da BF é muito intenso. Há muito ainda o que se alcançar para que possamos um dia redigir na história as vitórias conquistadas. Jamais esquecer as histórias perversas, pois as esquecendo, estaremos predestinados a repeti-las como qualquer outras histórias perversas na vida.



Criminalidade e impunidade nesta região são muito fortes, como também os números altíssimos de homossexuais que vivem nesta região. Não são ainda contados pelo censo brasileiro.

Quando fui trabalhar na BF, muitos conhecidos homossexuais não aprovaram a minha ida para aquela região. Disseram-me que eu podia fazer a mesma coisa na zona sul do Rio de Janeiro. Respondi que na zona sul já havia muitos projetos e programas atendendo os homossexuais e que na BF, raros eram as pessoas que estavam na luta, envolvidas na questão de sobrevivência dessa comunidade.

Foi assim que escolhi essa parte do Rio para trabalhar e fazer as minhas oficinas os meus filmes.

VW - Você tem Viajado por vários países e está em contato com autoridades de diversos Estados. O descaso público e crimes homofóbicos nas periferias das grandes cidades são exclusividade do Brasil?

VA - Não, não é mesmo! Crimes de ódio contra homossexuais acontecem em qualquer parte do mundo. Erramos em falar que o Brasil é campeão neste setor, pois apesar do descaso das autoridades brasileira, o Brasil também é um país que está dando voz à comunidade, criando leis para que essa população possa ser beneficiada mesmo com toda oposição presente. Basta observar-nos os números de paradas gays, conferências nacionais, estaduais e municipais que estão acontecendo em todo Brasil.

Quando isto foi possível na história do Brasil e em outros anos ou governos passados?

Quando dinheiro público foi usado em favor dos homossexuais apesar de todos eles pagarem seus impostos?

Tudo isto necessita de uma atenção especial para que não deixemos de entender a história e sua trajetória neste setor.

Não vejo grandes diferenças nas periferias e bairros de Nova Iorque, Miami, Londres, Paris, Copenhague... Homossexuais são atacados e mortos no mundo inteiro.

A diferença está como setores tal qual a polícia trata esses casos no Brasil. Essa é a diferença que coloca o Brasil em uma posição desagradável perante os crimes de ódios, não só contra homossexuais, mas também contra negros, mulheres, idosos e crianças.

Tenho visto muitos/as homossexuais no mundo inteiro pedirem asilo político por causa da violência contra homossexuais no Brasil e fico muito receoso, com o pé atrás com esse fato. Pois a razão dessas pessoas pedirem asilo, não é por motivo de orientação sexual, mas sim por motivo de tantos outros fatos, tal qual a ilegalidade a qual eles/as vivem nos países estrangeiros.

Alguns anos atrás, no Canadá, grupos de ilegais pegaram o filme "Ritos e Ditos de Jovens Gays" para poderem usar em suas defesas. Muitas dessas pessoas nem eram homossexuais. Mas havia uma brecha na lei que dava asilo as pessoas da comunidade LGBT que estavam pedindo o asilo por motivo de orientação sexual. – Mas como cada caso é um caso, então é muito difícil colocarmos o Brasil em uma posição de quebra total dos direitos humanos. Mas reafirmo que o Brasil é um país homofóbico, violento e que não puni quem deveria ser punido. Parece contradição, mas é assim que o Brasil é uma imensa contradição.

VW - Hoje, qual o país "modelo" você citaria em relação ao respeito à homossexuais e qual você diria que tem muito a melhorar?

VA - Meu Deus é difícil responder! Não há países que podemos citar como exemplos dos Direitos Humanos completos, pois todos pecam em algum lugar ou momento, mas para os homossexuais pouquíssimos são os países como o Brasil, aonde o presidente da República, o Sr. Lula da Silva, abre uma conferência LGBT (2008) e dá voz a tantas pessoas dessas comunidades. Mas ainda há setores no Brasil, que são omissos com leis severas com pessoas que atacam e estimulam o ódio contra a população LGBT.

O Brasil é um exemplo, mas peca em não colocar as leis em prática, os direitos humanos na frente de qualquer arbitrariedade que acontece todos os dias com o cidadão a cidadã LGBT brasileira.

Todos os países extremistas são os que estão na lista de grandes mudanças, mas suas leis estão longe de serem mudadas, permitindo, que seus cidadãos possam viver plenamente a sua sexualidade.

VW - Sabemos que a impunidade é o combustível para crimes. Mas também sabemos que a educação muda uma nação. Não existe nenhum projeto de educação e respeito às diferenças nas escolas, creches, igrejas e universidades?

VA - Há sim! O próprio MEC vem desenvolvendo um trabalho de frente sobre educação e diversidade sexual nos setores de educação.



Eu e a Luciana Kamel dirigimos um pequeno filme, que foi produzido pela ABIA em 2006 "Homofobia na Escola", direcionado para professores, educadores e dirigentes que formam opiniões futuras. O filme trata especificamente sobre isto. Como também a cartilha que escrevi com Felipe Rios "Juventude e Homossexualidade: o que os pais necessitam saber sobre homossexualidade". Este livrinho é usado muito nas escolas e comunidades que estão empenhadas em discutir esse assunto.

Alguns projetos estão sendo desenvolvidos para trabalhar-se a "Diversidade Sexual" neste campo. Há algumas universidades que já estão colocando em seus currículos essas questões como matéria obrigatória para os estudantes.

Quanto às instituições religiosas, aí o assunto muda, pois há uma barreira imensa neste setor por parte dos dirigentes e de estruturas maiores.

O assunto é tabu, é rejeitado, e pior que é um setor que estimula o ódio contra a população LGBT.

VW - Fundada em 1986, a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA), Tem participação de peso nos projetos de prevenção e ajuda à sociedade, não só Brasileira, mas de outros países também. Como você analisa o trabalho da ABIA e suas contribuições?

VA - Sou suspeito em falar da instituição que trago no peito e arregaço as mangas para lutar por ela... (risos)

A ABIA é a minha casa, meu templo de luta, minha coluna vertebral.



Estou na ABIA desde 1989, quando cheguei lá pela primeira vez e não saí mais. Somos um núcleo muito forte e com a indisciplinabilidade da instituição os nossos campos de atuações são muitos.

A ABIA é uma referência nacional e internacional e isto se fez ao longo dos anos com muita luta e seriedade. Uma tarefa para superformiguinhas braçais que acreditam em mudanças começando pela base.

O trabalho dessa instituição é de utilidade pública, fundamental para que a nação possa refletir sobre o campo da AIDS, da sexualidade, de gênero e direitos humanos.

Poucos reconhecem a honra que é ser parte da ABIA, pois de forma direta e indireta estamos contribuindo positivamente para um mundo melhor.

VW - O Antropólogo Richard Parker (Diretor Presidente da ABIA) é também autor de livros e projetos importantes como:

"Corpos, Prazeres e Paixões: Cultura Sexual no Brasil Contemporâneo" (São Paulo: Editora Best Seller, 1991), "A Construção da Solidariedade: AIDS, Sexualidade e Política no Brasil" (Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994), "Na Contramão da AIDS: Sexualidade, Intervenção, Política" (Rio de Janeiro: ABIA, and São Paulo: Editora 34, 2000), "Abaixo do Equador: Culturas do Desejo, Homossexualidade Masculina e Comunidade Gay no Brasil" (Rio de Janeiro: Editora Record, 2002). É também Editor-Chefe da revista científica Global Public Health: An International Journal for Research, Policy and Practice, publicada pela Editora Routledge de Londres.

Esses textos são de uma contribuição maravilhosa, Ímpar. São textos premiados e de interesses governamentais internacionais. Existe alguma conexão ou interesse de ONGs Brasileiras sobre esse material?



Richard Parker e Vagner de Almeida.

VA - O Richard Parker é uma referência mundial. A sua pessoa é uma contribuição global, isto é incontestável. Trabalhar com ele nestes 25 anos não só é uma honra como uma eterna escola de vida. Sou a pessoa que sou, com a visão de mundo que tenho, por ter a sorte e o privilégio de acompanhá-lo de perto e assim compartilhando sempre de sua trajetória.

Richard tem feito e faz contribuições múltiplas neste planeta e isto pode ser visto na sua longa lista quilométrica do que ele produz.

Como ele sempre fala sorrindo, que consegue fazer o que faz por que tem amigos ao seu lado e por acreditar em um mundo menos pequeno para tantos que sofrem.

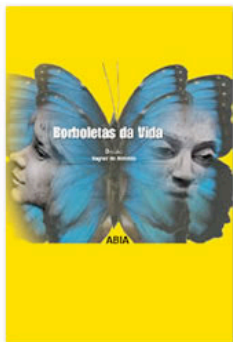
VW - Os filmes: "Borboletas da Vida" (2004), Basta um dia (2006), "Sexualidade e Crimes de ódio" (2008) seu mais recente filme: Em comum eles falam da "Impunidade", "Descaso das autoridades" e a "Homofobia". Entre seu primeiro filme e o seu mais novo projeto, Alguma mudança positiva?

VA - Na verdade muitos óbitos eu somo nestes anos todos! Triste, lamentável, porém é a realidade de toda essa trajetória. Mudanças que diria positivamente triste.

Mudanças estão surgindo a passos de tartarugas, mas os criminosos, os violentos, os malfeitores estão à solta por ai. Isto é puro descaso das autoridades, da população e dos grupos organizados.

Todos nós participamos dessa impunidade citada. Participamos quando nos calamos, nos omitimos, fazemos cartões para os companheiros/as que estão à deriva, despencando.

Basta observar como vivem a maioria da comunidade LGBT no Brasil e ai poderemos refletir sobre impunidade, crimes de ódio, violência física e verbal... Lastimável o reflexo das estatísticas de morte desses anos todos.



Filme "Borboletas da Vida" (2004)



Filme "Basta um dia" (2006)



Filme "Sexualidade e Crimes de ódio" (2008)

VW - Não tenho visto no horário eleitoral, nenhum político falando sobre respeito aos homossexuais e punições severas aos crimes organizados. O que falta para que as autoridades falem publicamente a Palavra "HOMOSSEXUAL"?

VA - Falta coragem! Falta vergonha na cara! Falta Civilidade! Falta igualdade a todos os cidadãos! Falta alguns mesmos falarem que são homossexuais! Falta tanta coisa para se alcançar. Lastimável, triste, é um atraso da humanidade e da liberdade de expressão.

O horário eleitoral é um dos piores momentos para a história do Brasil. Uma vergonha nacional, uma obscenidade tamanha do mundo. Um horror e deles infelizmente não se pode esperar nada.

VW - "Cabaret Prevenção", PSI - Population Service International (1996), New York University "Live Show", "Catch the Rain", "Gay Marriage", "Cultura Voodoo - National History Museum, NY" (1998), "Aonde Você Estiver, Não se Esqueça de Mim" (1998), "BLSC - Going Beneath the Equator" (2003/04), "Ritos e Ditos de Jovens Gays" (2001/02), "Key Francis A Mais velha Travesti do Brasil Ainda Vive" (2002/2003) - "Borboletas da Vida" (2004/05), "Basta Um Dia" (2006), "Escola Sem Homofobia" (2006), "Dama de Ferro" (2006), "Sexualidade e Crimes de Ódio" (2008) São trabalhos em DVD em que você assinou o roteiro e direção e já recebeu vários prêmios internacionais entre eles:

2005 Melhor Documentário no New York Brazilian Film Festival - USA

2006 Cidadania em Respeito à Diversidade da Associação da Parada do Orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros de São Paulo - Brasil

2006 Moção - Louvor e Congratulações - Um Dia Pela Diversidade e Contra a Discriminação -ALERJ - Rio de Janeiro August 15 & 16,

2006 - TORONTO: AIDS 2006 XVI INTERNATIONAL AIDS CONFERENCE August

2008 - XVII INTERNATIONAL AIDS CONFERENCE in México

Como é o sentimento de poder colaborar tanto com a humanidade e ainda receber convites e indicações para os mais conceituados festivais de cinema nacionais e internacionais?

VA - Meu trabalho segue um trilha que já está traçada desde que eu nasci. Ele vai acontecendo e renovando-se com o passar dos tempos. Vou adicionando muitas trajetórias da vida pessoal e profissional nos meus trabalhos. Essa mescla só me faz crescer dentro desse universo que eu observo cuidadosamente. Nada na vida é em vão e por isso trilhar é preciso por muitos mundos diferentes. Esse mundo pode estar do seu lado, ali sem a necessidade de desbravar lugares distantes. Um simples olhar a sua volta e você pode fazer uma grande diferença para o mundo.

Por ano apresento os meus filmes em mais de 200 locais diferentes e sempre seguido com debates. Acho esse meio de apresentar o trabalho e aprender com ele uma coisa formidável. Essas apresentações são as que eu contabilizo na minha agenda, fora outras apresentações que acontecem sem a minha presença. No ano de 2007 contabilizamos mais de 1000 apresentações de Basta Um Dia e Borboletas da Vida em salas de aulas de escolas publicas e privadas, ONGs, Universidades, Igrejas, comunidades, festivais, congressos, seminários... Isto para mim é mais importante do que troféus. Os filmes seguem por eles mesmos a trajetória social que sempre sonho com cada um filme que faço. Essa é a minha colaboração, meu destino, ou como dizem alguns amigos, a minha sina... (risos)



Festival lhe dá uma responsabilidade muito grande e um estresse também, pois há muitas pessoas competindo, mostrando trabalho excelentes e outros nem tantos. Meus filmes são feitos para mostrar o mundo que devemos abrir os olhos para os nossos semelhantes e dentro de nossas possibilidades ajudar esses atores sociais terem uma vida mais digna, pois sabemos que as políticas públicas os negam isto todos os dias...

Há dois festivais de diversidade sexual no Brasil muito bons e recomendáveis, pelo conteúdo que sempre trazem em suas edições. Um é o Mix Brasil e o outro é o For Rainbow de Fortaleza. Ambos de altíssimo valor cultural e uma adição muito positiva para o movimento LGBT nacional.

VW - Nem tudo são “Flores” em nossos caminhos... Em algum momento você já pensou em abandonar o tema “Homossexualidade”?

VA - Milhões de vezes... (risos), mas sempre retorno, ou bem dizendo eu nunca saio. Ainda mais quando me deparo com a mídia perversa, desestruturada, mal intencionada, então me dá uma tristeza profunda e digo que ainda não é a hora de abandonar essa batalha.

Quando presencio as discussões fascistas de grupos religiosos extremistas, então eu necessito continuar na frente dessa jornada.



As famílias e comunidades açoitando homossexuais, queimando-os em praças públicas, então necessito fortalecer-me para poder encorajar as pessoas a continuarem na luta também.

Na verdade eu nunca abandonei nenhum barco na minha vida. Mas já me vi a deriva sozinho e remei muito para poder chegar à terra firme. Mas isto é uma história para uma entrevista um dia... (risos)

VW - Seu mais novo trabalho, o documentário "Sexualidade e Crimes de Ódio", é o primeiro Filme dirigido e produzido por você e co-produzido pelo Antropólogo, autor, professor em Columbia University e presidente da ABIA, Richard Parker: Fale sobre essa parceria e o que você tira de concreto sobre suas pesquisas para o filme em relação à igreja católica e os grupos evangélicos radicais.

VA - Trabalhar com Richard Parker é uma delícia. Rasgo sedas para ele mesmo, pois é mais do que merecido. Parceria profissional com ele é uma escola de vida, momentos agradabilíssimos e acima de tudo momento de reflexão. Não tem estresse, não há momentos de subtrações ou tensão. Tudo é adição, até mesmo quando ele manda corta pedaços do filme que já foram editados. Ele chega, analisa e diz: "isto ai não está legal e nos dá uma aula sobre o tema e o que não está legal". É simplesmente uma glória ser parceiro dele e ter parceira com ele.

Sobre religiões, já mencionei nesta entrevista nas perguntas anteriores, o problema com as seitas, as religiões, os grupos extremistas é um atraso de vida, é inaceitável, é lamentável, é uma coisa de prisão para as pessoas ou grupos que incitam, proliferam e publicidade do ódio contra a comunidade LGBT. Essas instituições mencionadas são realmente um caso de polícia e alguma coisa necessita ser feita urgentemente para conter a ira desses grupos. Por isso é que eu repito esquecer a história é permitir que ela se repita e "Campos de Concentrações e Curas Milagrosas Através Da Força" jamais no mundo outra vez.

Todos os meus filmes eu necessito mencionar qual perverso é a religião em alguns setores na vida do ser humano. Não há uma história de vida contada pelos homossexuais nos meus filmes e pesquisas em que a religião não seja mencionada como castradora e opressora no mais alto grau. Uma antítese no que se refere às palavras de Deus.

VW – Sexualidade e Crimes de Ódio é um filme polêmico, forte e com certeza irá mexer com muitas pessoas e as trará para reflexões. Conhecendo os seus trabalhos de perto é difícil não lhe fazer essas perguntas, pois sei que o universo que você percorre é muito cruel. O que você espera alcançar com esse novo filme? É o último dessa trilogia? Como tem sido as apresentações e os debates?

VA - Esse novo filme é um resumo disto tudo que falamos no início dessa entrevista. Confesso que falta muito mais a ser dito, ser feito neste universo, neste momento da história e da construção da comunidade LGBT do Brasil.



Ser ou não ser o último é muito difícil falar isto, pois essa luta não para e homossexuais continuarão a serem mortos por criminosos homofóbicos, serão mau tratados por comunidades religiosas extremistas e em "nome de Deus" muitos ainda serão mortos. Não sei se será o último, mas creio que há outras áreas de direitos humanos no mundo que quero atuar também, quero estar presente.

Aos interessados é possível ver o trailer do filme no meu site: www.vagnerdealmeida.com, no Google e no Youtube.

VW - Quem é o Vagner de Almeida hoje em 2008?

VA - Um homem maduro na beira da estrada da vida, sem estar ainda completamente desiludido com o mundo. Estou preocupado, mas ainda creio na cura do planeta e do homem.



Hoje não caminho contra o vento como fazia aos meus 18 anos de idade. Hoje caminho com o vento na direção que ele vai. Paro às vezes para pegar fôlego, pois aos 51 anos de idade, uma paradinha é essencial para recompor as energias e entro em cena de novo junto com a brisa, o vento e os furações que de repente aparecem na minha frente.

Tenho muitas esperanças e por isso que estou sempre acelerado para terminar um trabalho e iniciar os próximos.

Vivo a compartilhar com amigos, colegas e o meu parceiro de 25 anos de vida juntos tudo que a vida puder ou possa me ofertar. Amo ver os amigos felizes e bem sucedidos, lindos e reluzentes, como os homens e mulheres, crianças e idosos deveriam ser sempre.

A vida é muito curta e chegar até aqui para mim é um presente dos Deuses, das Deusas. É essa força que me faz persistir, ir sempre em frente. Parar nunca, só na hora certa, aquela que ninguém escapa por aqui... (risos), ai, armamos as nossas asas e como Fênix voamos para o desconhecido e com a certeza, que lá poderemos continuar a nossa trajetória de vida

Vagner J.B. de Almeida
Staff Associate
Mailman School of Public Health
Columbia University
Center for Gender, Sexuality & Health
722 West 168th, # 526
New York, NY 10032

Assessor de Projetos da ABIA - Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS

www.vagnerdealmeida.com - vagner.de.almeida@gmail.com

[voltar ao topo](#)